

5 (13/5/2015)

asexo(ualidade)

Pode-se ler este enunciado, que doravante passaremos a denominar de matema d'asexo(ualidade), da seguinte maneira: não há relação sexual.

Lacan sempre quis se desvencilhar do conceito de sexualidade infantil, dado o fato de que este léxico toma por referente as diferenças anatômicas. Chegou a propor fórmulas da sexuação, para tratar o problema do referente do sexo não mais no nível biológico, porém no nível lógico, o que denominou de lógica fálica e lógica não-todo fálica ou não-todaⁱ.

Vale a pena lembrar a maneira precisa como Lefort descreve a necessidade de diferenciarmos a sexualidade biológica da lógica da sexuação: "Quando uma criança chega ao mundo, a primeira coisa que lhe acontece é ser designada por 'é um menino' ou 'é uma menina'. É um destino que se enuncia na boca daqueles que a acolhem, um destino que parece incontornável para todo ser sexuado biologicamente, a ponto que Freud pôde dizer: 'A anatomia é o destino'. Isso seria absolutamente verdadeiro se só houvesse a biologia, mas o filho do homem é, de saída, imerso na linguagem. A anatomia terá de contar com esta linguagem ou mais exatamente com seu material que é o significante. Dito de outra maneira, por um lado o filho do homem nasce menino ou menina mas, além disso, deve tornar-se menino ou menina. Daí esse léxico 'sexuação', introduzido por Lacan, e não apenas 'sexualidade infantil', que foi a descoberta de Freud e que fez escândalo à épocaⁱⁱⁱ. Mesmo vinte anos depois, Freud insiste em tomar por referente o órgão genital infantilⁱⁱⁱⁱ. É Lacan quem vai encontrar, nas entrelinhas do texto de Freud, os elementos para propor uma nova significação do sexo, tomando por referente o falo enquanto significante.

Ele avança em direção a um novo referente ao propor esse neologismo para escrever - asexo(ualidade)^{iv} - o que lhe liberta ao mesmo tempo da referência anatômica e lógica e lhe permite, como vamos ver, fazer a conjunção da falta de uma sexualidade com a falta de um significante. A questão do gozo sexual passa então a enunciar-se dessa maneira: o problema da sexualidade é existir um *asexo*, um sexo que não tem um referente, o (*a*) designando aí a falta de um significante que possa nomear o gozo do Outro sexo.

Logo, o matema d'asexo(ualidade) quer enunciar a impossibilidade de escrever-se, sob qualquer signo, no trabalho do inconsciente, o sexo a partir de uma relação, em virtude de uma propriedade da estrutura de linguagem, da estrutura de significante. Isto significa que "o sexo é um dizer"^v e seria preciso um dizer para cada sexo, de modo a tornar possível a

relação entre dois termos, escritos como conjuntos $[(\Phi)//(\emptyset)]$. Isto simplesmente é impossível, o que exige escolher o conjunto vazio para escrever o que poderia ser a relação sexual.

Não há relação sexual é pois o enunciado fundamental da psicanálise. Porém, não há relação sexual salvo entre gerações vizinhas, quer dizer, os pais, de um lado, os filhos, de outro.^{vi} Não se quer dizer que falta um significante para nomear o desejo da mãe (DM). Este se escreve perfeitamente do lado do gozo fálico (Φ). Não o escrevemos do lado do conjunto vazio (\emptyset). Por isso, aí pode haver relação sexual. Por outro lado, também não se quer dizer que falta um significante para nomear o nome-do-pai (NP) exceto na psicose. Então, não podemos dizer que o enunciado não há relação sexual se aplica às gerações vizinhas. Pode haver relação sexual entre uma mãe e um filho, cada um se escrevendo aí por intermédio do gozo fálico. O enunciado fundamental - não há relação sexual - só se aplica à relação entre estes dois conjuntos $[(\Phi)//(\emptyset)]$, o gozo sexual do homem e o d' A Mulher, pois o problema consiste na impossibilidade de estabelecer entre eles uma relação biunívoca.

Quando dizemos que falta um significante para nomear o gozo d' A Mulher, que escrevemos dessa maneira (\emptyset), deve-se entender que é isso que condiciona a impossibilidade da relação sexual entre um homem e uma mulher ou, como se diz em linguagem antropológica, condiciona a impossibilidade da exogamia. Quer dizer, não há relação sexual entre um homem e uma mulher desde que não sejam pais e filhos. Dito de outra maneira, só há relação sexual se incestuosa ou assassina.^{vii}

A interdição do incesto é uma lei para evitar justamente isto, a relação sexual entre as gerações vizinhas. Se fosse impossível a relação entre pais e filhos tal como o é entre um homem e uma mulher não seria preciso a lei do incesto. A interdição do incesto é uma lei suplementar necessária para evitar a relação sexual lá onde é possível, lá onde a relação não se escreve como impossibilidade. Se a relação sexual entre gerações vizinhas se escrevesse como impossibilidade não seria preciso a lei do incesto, porque não haveria relação sexual entre gerações vizinhas.

O que se quer deduzir disso é que não se pode escrever a equivalência entre a mãe e a mulher, que são dois léxicos analíticos bem distintos. Quando se diz A Mulher, não se inclui necessariamente nesse conjunto o desejo da mãe. A Mulher se escreve na significação não-toda. Como se disse acima, o desejo da mãe se escreve perfeitamente na significação fálica. Do mesmo modo o nome-do-pai, e aí talvez seja mais fácil de entender, se escreve na significação fálica. Em ambos os casos estamos na dimensão da significação fálica.

Como se sabe, quando essa significação fracassa, é o caso da psicose, escrevemos $(\Phi 0)$. Podemos utilizar nosso esquema para indicar a diferença entre o sintoma neurótico e psicótico, caso este em que se vai notar o fracasso do nome-do-pai e em consequência disso a elisão do falo.

$$[\Sigma(\Phi)//(\emptyset)] \quad [\Sigma(\Phi 0)//(\emptyset)]$$

Portanto, o essencial é que não posso escrever nem a mãe nem o pai no conjunto d' \mathfrak{A} Mulher, o que se pode notar desde as fórmulas da sexuação. Do lado esquerdo se lê que, para todo sujeito, seja para quem for, salvo para a função do pai, existe a castração $[\forall x \Phi x / \exists x \square \Phi x]$, lado onde se escrevem $[\mathfrak{S} \text{ e } \Phi]$ e, do outro lado, que Lacan chama de a parte mulher do falaser, não há universalidade, há não-todo $[\square \forall x \Phi x / \square \exists x \square \Phi x]$, onde se escrevem $[S(\mathfrak{A}), \mathfrak{A} \text{ e } a]$.

Essa observação é muito importante porque os autores têm a tendência a fazer conjunção entre o desejo da mãe (DM) e o gozo d' \mathfrak{A} Mulher (\emptyset) . De todo modo, o que importa é que se é necessária uma lei como a da interdição do incesto, que incide sobre o desejo da mãe, é porque esse matema $[(\Phi)//(\emptyset)]$ da não-relação sexual não se aplica à relação entre gerações vizinhas, o que Freud chamou de complexo de Édipo.

Eis aí o paradoxo que queria submeter a apreciação de vocês: a impossibilidade da relação sexual não se aplica à relação edipiana, se aplica à relação entre um homem e uma mulher, a isso que se chama de exogamia. A exogamia é impossível. A endogamia é possível, ao contrário do que possa parecer. Por esta razão inventou-se a lei da interdição do incesto. Isso tem consequências práticas porque, em geral, consideramos o complexo de Édipo como o fundamento da análise, enquanto que o fundamento da análise é a impossibilidade da relação sexual. Se a não-relação sexual se aplicasse ao complexo de Édipo não seria preciso inventarmos a lei da interdição do incesto porque a própria impossibilidade da relação sexual seria uma interdição à relação entre gerações vizinhas. Se não houvesse um significante para escrever o gozo imaginário do menino com sua mãe, encontraríamos aí a mesma impossibilidade que encontramos na relação entre um homem e uma mulher e portanto não seria preciso existir uma lei suplementar que legislasse sobre a relação endogâmica.

Portanto, o fundamento da psicanálise não é o complexo de Édipo mas a não-relação sexual. Trata-se aí da propriedade associativa dos conjuntos e certamente o que se diz com

o enunciado não há relação sexual é que não pode haver uma associação de conjuntos como estes $[(\Phi)//(\emptyset)]$, homem e mulher, dentre os quais há um que notamos como o conjunto d' A Mulher e que não tem elemento, que é um conjunto vazio. É por isso que a noção de conjunto vazio é a que convém à relação sexual.^{viii}

Dito de outra maneira, não pode haver laço que faça união entre estes conjuntos. Esse é um problema antigo da teoria analítica, que Freud introduziu sob o termo de Eros, de amor e por intermédio dele concebeu a possibilidade da relação sexual, no fato de que dois corpos entrando em relação fazem Um^{ix}. Essa união não se verifica nem entre dois corpos nem entre dois significantes. Não há cópula de corpos nem cópula de significantes.^x

Que alguns autores evoquem Lacan para afirmar que o psicótico faz A Mulher existir e portanto faz a relação sexual existir, me parece impróprio, porque o que ele disse foi que "por não poder ser o falo que falta à mãe, resta a Schreber ser a mulher que falta aos homens"^{xi}. Logo, trata-se de fazer suplência ao falo que falta a mãe, o que se escreve, em nossa fórmula, do lado de $(\Phi 0)$, do lado da elisão do falo, que é uma consequência do fracasso do nome-do-pai, do fracasso da metáfora paterna, e não do lado do conjunto vazio (\emptyset) , do conjunto d' A Mulher que não existe. A fantasia schreberiana, a alucinação hipnopômica, "seria belo ser uma mulher no ato da cópula", que Lacan qualificou de empuxo-à-mulher, não deve ser confundida com fazer existir a mulher, porque isso se escreve do lado da significação fálica, ou para ser mais preciso, se escreve como elisão da significação fálica. Como disse acima, não se deve fazer conjunção entre o conceito analítico de mãe e o de mulher. Do contrário seria dizer que a psicose seria uma das manifestações do gozo não-toda, o que não se encontraria entre as manifestações clínicas deste gozo. O gozo da psicose não é da mesma ordem do gozo místico, do gozo vaginal, do gozo de Regina, do gozo de Ysé^{xii}. O gozo da psicose é da ordem do fracasso do gozo fálico.

Não há relação sexual é portanto, como já dissemos, o enunciado fundamental da psicanálise. Se isso se aceita compreende-se porque é preciso simbolizar asexo(ualidade). Há várias ferramentas para isto, sendo uma delas o sintoma, que no entanto não a simboliza toda, deixa sempre um resto irreduzível, conserva necessariamente um sentido no real. Lacan utilizou essa ferramenta, por exemplo, quando enunciou sua fórmula "não há relação sexual a não ser no sintoma, no qual se suporta o outro sexo"^{xiii}, o que explicou dizendo que de saída os dois sexos são equivalentes porque em ambos há desazo. No entanto se a falta é reparada no lugar mesmo do desazo, os dois sexos não são mais equivalentes. "Ao nível do sintoma não há mais equivalência sexual, isto é, há relação"^{xiv}

Outra ferramenta que se pode utilizar para simbolizar a sexualidade é a banda de Möbius, porque neste objeto topológico coincidem o direito e o avesso, porque há neste objeto uma só face para o direito e o avesso. Este recurso lhe permitiu mostrar que o conjunto do falo (Φ) e o conjunto do Outro sexo (\varnothing) se escrevem em uma mesma face, como o direito e o avesso da banda. De algum modo isto eqüivale ao que Freud denominou de bissexualidade, quer dizer, os dois modos do sexo, do gozo coincidem em uma mesma face, em um mesmo corpo, em um mesmo falaser. Lacan conclui que seria preciso triplicar a banda de Möbius de modo a obter uma banda lateral na qual as duas faces fossem ao mesmo tempo direito e avesso. Seria também um modo de tentar fazer existir a relação sexual.

Porém a principal ferramenta que Lacan resolveu introduzir para simbolizar asexualidade foi a da lingüística - o significante. "Lendo a 'Interpretação dos sonhos', disse, resolvi introduzir a lingüística na análise. A questão é que Freud ficou atrelado ao pensamento porque não tinha à sua disposição estas coordenadas culturais e foi isso que o levou a cometer essa imprudência de colocar o complexo de Édipo como fundamento da análise. O complexo de Édipo quer dizer que não se pode impedir um filho de assassinar um pai. Isso se denomina parricídio. Foi o que sucedeu a Laio. Por que Freud foi levado a valorizar essa referência literária - a tragédia de Sófocles - se todo problema está na passagem do significante ao significado? Na passagem do significante ao significado [S/s], na ultrapassagem dessa barra que não é a barra de uma fração mas a do real, perde-se gozo. Isso se denomina gozicídio. Tive que procurar o fio do pensamento, que é o significante, porque é isso que conta na relação sexual. Pedimos ao analisante para dizer não importa o que, mas ele não consegue. Tudo o que ele consegue é dizer algo do gozo fálico, da significação fálica, mas não consegue dizer nada da outra significação, do outro gozo".^{xv} Com efeito, pode-se rastrear no próprio Freud, no artigo sobre a bissexualidade^{xvi}, os primeiros elementos desta referência aos dois gozos sexuais. O artigo é muito curioso, tem nove fórmulas, todas elas são parciais e a nona, que sintetiza as demais, introduz o problema da significação bissexual do sintoma. Lamentavelmente Strachey diz, na famosa nota de editor, que o tópico da bissexualidade surge quase como uma reflexão secundária ao texto. Mas justamente ao contrário, a fórmula nove diz que "o sintoma histérico é a expressão simultânea de uma fantasia sexual inconsciente masculina e de uma fantasia sexual inconsciente feminina".^{xvii} E no último parágrafo Freud observa que: "No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus significados

sexuais, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso, podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos significados sexuais, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela".^{xviii}

Quer dizer que, para Freud, quando o sintoma não se reduz é porque se analisou a fantasia sexual inconsciente masculina, mas não se analisou a fantasia sexual inconsciente feminina, que aprendemos a traduzir respectivamente por gozo fálico e gozo não-toda. Porém, há aí uma aparente ingenuidade de Freud, em acreditar que é possível analisar o outro gozo, coisa que Lacan não acredita ser possível analisar, pois este gozo, é o sentido real irreduzível em todo sintoma, embora não se deva esquecer que em outro lugar^{xix} é justamente o repúdio à feminilidade o que Freud vai propor como o irreduzível do sintoma. Esta tentativa de atualização do léxico de Freud por intermédio do léxico de Lacan, da *bisexo(ualidade)* pela *asexo(ualidade)*, na minha opinião, indica claramente a transdução do fundamento da psicanálise. Propor que o sintoma exprime a *bisexo(ualidade)* faz supor que a relação sexual é possível. Propor que o sintoma exprime a *asexo(ualidade)* deixa entender que a relação sexual é impossível.

Esta distinção se justifica na medida em que tem conseqüências práticas que podem ser nomeadas de diversas maneiras aproximativas. Analisar a *bisexo(ualidade)* implica em visar na cura a relação de parentesco, a endogamia, o complexo de Édipo. Analisar *asexo(ualidade)* supõe visar a polis, a exogamia, a relação sexual que não existe. Propor a *bisexo(ualidade)* como fundamento da psicanálise implica em tomar cada figura do par parental como Outro, enquanto que supor *asexo(ualidade)* como fundamento da psicanálise implica em considerar a própria linguagem como Outro. A relação entre *bisexo(ualidade)* e *asexo(ualidade)* é da mesma dimensão da relação entre uma teoria restrita e uma teoria geral do sintoma.

01 de dezembro de 1999

-
- ⁱ Na aula de 13/03/73 do Seminário *Encore* (1972-3), Seuil, Paris. *Mais, ainda*, Jorge Zahar, RJ.
- ⁱⁱ Rosine e Robert Lefort, *Marise devient une petite fille*, Seuil, Paris, 1995, p.7.
- ⁱⁱⁱ Entre "Três ensaios" (1905), "Organização genital infantil" (1923) e "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos" (1925).
- ^{iv} Na aula de 11/04/78 do Seminário *Le moment de conclure* (1977-8), inédito.
- ^v Ver aula de 15/11/77 do Seminário *Le moment de conclure* (1977-8), inédito.
- ^{vi} Ver aula de 11/04/78.
- ^{vii} Ver aula de 15/03/77 do Seminário *L'Insu que sait de l'une-bévue s'aïlle à mourre*, (1976-7), inédito.
- ^{viii} Ver aula de 15/11/77.
- ^{ix} Isto é o mito de Aristófanes.
- ^x Ver a observação de Lacan a Mannoni acerca da criança débil e sua mãe, no Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, (1964), p. 225. Ver também a aula sobre "Os nomes do pai" (1963). Ver ainda Fátima Pereira, "Mannoni e Lacan, diferenças conceituais", Carrossel 0, 1997.
- ^{xi} Em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", *Écrits*, Seuil, Paris, 1966. *Escritos*, Jorge Zahar, RJ, 1998.
- ^{xii} Ver aula de 20/02/73, do *Encore*. Ver também Colette Soler, "O não-toda", *Opção Lacaniana* 9, 1994.
- ^{xiii} Ver a aula de 15/02/76 do Seminário *Le sinbome*, inédito.
- ^{xiv} *Ibid.*
- ^{xv} Ver aula de 11/04/78.
- ^{xvi} "Fantasias históricas e suas relações com a bissexualidade" (1908).
- ^{xvii} *Ibid.* Ver a nota 9.
- ^{xviii} *Ibid.*
- ^{xix} Em "Análise terminável e interminável" (1937).